

O EXEMPLO

Anno II Redactor e editor
Arthur de Andrade
ESCRITÓRIO
Rua Andradas 247

Propriedade de uma associação

Porto Alegre—Domingo 19 de Março de 1893

Director gerente
Marcilio Freitas
ASSIGNATURAS
Por mez. 500

N. 14

O Exemplo

Mais uma vez somos forçados a dizer, por estas columnas, que este organ não tem côr politica; é neutro no rigor da palavra e seu fim é a defesa dos direitos dos *homens de côr* e a pugna pelo alevantamento moral de sua classe.

Alguns obcecados que nos leem chegam ao ponto de interpretar de maneira tão rude e stulta as nossas intenções que causa-nos já ascó responder-lhes, esclarecendo-os.

Quem tem a faculdade de conhecer deve também comprehender o que lê, e não ler uma cousa e ir julgar d'outra maneira mui diversa.

Felizmente são poucos os que pensam por esse modo *admiravel* e appellando para ás pessoas sensatas que com elles convivam, esperamos dellas uma introdução de um pouco de bom senso na *claraboia* desses estroinas.

Censurámos o recrutamento, porque essa medida é vexatoria.

As nossas palavras são corroboradas pelo que diz o *Figaro* da capital federal:

«O que se está passando é arbitrario, desleal e revoltante. Não cremos que dos poderes publicos tenham emanado determinações de natureza tal como estão sendo executadas».

Hão de se compenetrar os nossos detractores que o *Exemplo* não tem politica e que não é affeição do deste ou daquelle partido; porque acima dos interesses partidarios, colloca o da nossa fraternidade.

Ao Sr. Francisco Costa intelligente collaborador da *Gazetinha* apresentamos os nossos pezames pelo fallecimento de seu padrao, Manoel Francisco Guimarães.

A classe typographica

Esta classe que devia ser uma das mais consideradas, porque ella tem uma missão grandiosa—a de derramar luz sobre os povos—é, no entretanto, uma das mais abocanhadas.

E' uma classe que actualmente, aqui nesta capital pelo ménos, não tem valor algum, está completamente desprestigiada.

Todos olham o typographo com indiferença; ao verem-n'ó passar logo dizem: «Aquelle sujeito não vale nada.»

De tudo isto só tenho a lamentar que os unicos culpados da degradação moral em que se acha a classe, sejam os mesmos typographos, porque não sabem se impôr ao respeito e á consideração daquelles que lhes procuram estigmatizar.

Temos uma sociedade para o progresso da qual deviamos todos cooperar, afim de que em qualquer tempo, aggremiados, podessemos fazer valer os nossos direitos.

No entretanto o que vemos?

A ella poucos pertencem, e muitos d'estes não contribuem com as suas mensalidades!

D'ahi nasce a nossa completa nullificação, a ponto de já termos sido por alguém eliminados da communhão social.

Outro facto bem recente vem em abono das minhas palavras—o empastellamento do *Mercantil*, em cujo facto, se tem dito á bocca cheia, tomaram parte muitos typographos.

Então estes senhores ignorariam que iam prejudicar collegas seus, muitos dos quaes com familia?

Por certo que não; e nesse caso deviam collocar acima de quaesquer suggestões o amor á classe.

Por estes e outros factos está

evidentemente provada a minha asserção: os unicos culpados da degradação moral da classe typographica são os proprios typographos.

MARCILIO FREITAS

SUPPLICA

A... TI

Ha muito que eu aguardo a solução Com o peito opprimido e effegante,
—A solução que póde, triumphante Tornar o meu tristonho coração.

A solução que póde, n'um instante Também acompanhá-lo á corrosão,
E apóz muito penar, muita paixão Leval-o de vencida... por diante...

Não sei qual esperar; eu te conjuro Em nome deste affecto terno, puro,
Que medês por momento ao menos, calma.

Decide-te com magistralidade: Ou dá-me com teu «sim» a f'licidade
Ou parte com teu «não» esta minh'alma.

A. JUNIOR

DECLARAÇÃO

Como muitas pessoas entendem que pelo facto de serem assignantes do *Exemplo*, estão isemptas de pagar annuncios que mandam-nos para publicar, declaro que d'ora em diante não se publicará annuncio algum sem ser pago adiantadamente.

Porto Alegre, 19 de Março de 1893.

O director-gerente,
Marcilio Freitas.

O cidadão João Angelino dos Santos, que está residindo actualmente na rua da Margem, reabriu a sua barbearia, onde está a disposição de seus amigos e do publico em geral.

Recommendamos o habil *Figaro*.

O nosso amigo Pedro Soledade mudou-se para Canôas, onde estabeleceu um *restaurant* que dispõe de todas as commodidades.

Ferroadas

CONTOS

I

De caneta a orelha, de oculos, de olhar sombrio e apparencia tetrica destaca-se o vulto, sentado a uma cadeira junto de uma mesinha.

Após as primeiras palavras, sabe-se que elle é Affonso, o velho representante do *Bureau de Poste*, e ao continuar a conversa, nota-se que é de um trato ameno, em eloquencia, um moderno Cicero ou antigo Demosthenes.

Gosto de vel-o parlamentando com o bello sexo, sobretudo com a parte independente, a quem elle dispensa elegante linguagem, acompanhada de curvaturas. Tratar uma conjuncção é-lhe cousa trivial; mas sustental-a é que são ellas.

Efectivamente em dias da semana finda mettem-se Affonso numa *rascada* medonha.

Enamorou-se de uma menina de côr jambea, labios roseos, olhar fascinante, que arrebatava o nosso homem, fôrmas dignas da apreciação humana, uma cousa sublime em summa.

O Affonso ante aquella mulher extraordinaria, ficou arrebatado, tremulo e atacado de calafrios; reagindo porém contra seu estado, tentou investir e... recuou; mas uma reacção energica, fel-o apertar a mão á joven e, trocadas algumas palavras, fixar um *rendez-vous*. Empertigado numa casaca, de luneta ao olho, bem escanhoado e limpo, apresentou-se o homem em casa da X. Bateu e foi-lhe franqueada a entrada, por uma creadinha graciosa e delicada.

Na sala bem ornada entreteu-se o *kagado* com a belleza dos quadros, não querendo sentar-se e, com o coração a bater e o peito a arfar esperava assustado o desfecho daquella entrevista.

**

Passaram celeres dez minutos e o *kagado* já suava frio; mas a campainha tangeu, despertando-lhe a attenção. Logo depois decerrado o reposteiro, appareceu-lhe X, trazendo um lindo *robe* azul-celeste, tendo cabello solto, olhar terno, apparencia melancholica, mas captivante.

O Affonso recebeu-a opado de amabilidades e estonteado, estendeu-lhe a mão, puxando-a para junto de si, no sofá.

Passou-se ahi uma scena deslumbrante. Elle asiou-a ao peito, osculou-lhe a face mimosa repetidas vezes e por fim alcançou num amplexo saudoso mais uma victoria em sua vida.

X. redobrando na intensidade seu amor, reptou-o a mais uma vez firmar o valor de um agulhão genésico.

O *kagado* que conhecia-se bem, começou a empallidecer e aparvalhar-se, levando com seu semblante a tristeza ao coração da X.

Embora fosse ephemero o effeito daquella explosão, todavia o nosso homem lançou mão de um ultimo recurso. Pediu a X que lhe desse agua e aproveitando a oportunidade, ingeriu duas *pastilhas confortativas*, suas eternas companheiras de glorias e infortunios; mas... o corpo gelido não cedeu a uma simples manifestação da vida.

A X contemplava o rosto já pudibundo do nosso velho e, com um sorriso fingido e abraços forçados, procurava despertar a inercia do *kagado*.

Ainda uma vez convenceu-se da inepecia do velhote e retraida, aguardou a sua retirada. O *kagado* custou a fallar e depois de coçar-se um pouco disse-lhe que sentia dôr de cabeça pelo que ia retirar-se.

De facto, ergueu-se, tomou do chapéo e cerrando a mão da X, segredou-lhe um agradecimento, ao retirar-se. A X toda dengosa pediu-lhe que não esquecesse aquella casa e numa só curvatura beijou-o, abraçou-o e mandou-o a favas.

Eu, conhecido antigo, penetrei mansamente na casa de X e levado pela curiosidade da creada assisti ainda ao epilogo da triste representação em que acabava de figurar o velhote. Ouvia a X, ao fechar da porta, chamal-o de tranca imprestavel, emquanto elle amaldiçoava a estupidez de sua velhice gasta; e ao ser reconhecido, na varanda, recebi um abraço saudoso e um osculo tão demorado que... faria devéras reviver o velhote.

Passado algum tempo fui convidado a preencher o lugar que o

velho não pode sustentar ou antes não soube honrar.

Coitado! Vive.

Num engano d'alma ledo e cego,
Que a «fraqueza» não deixá durar muito.

Acautelae-vos, senilidade, dessas desvergonhas; outros tempos, outros costumes.

II

Leitoras, vou contar-vos uma historia de cousa que certamente não vos é desconhecida. O caso passou-se numa aldêa deste Estado, em dezembro do anno findo, quando por lá estive de passeio. Eu morava em casa da velha Ximenes, grande pandega, sabida em superstições e amante de arranjos de namoros e casamentos.

Ella dispensava a todos bastante consideração, ás vezes até escandalosa. Entre as bellas da aldêa, havia umas morenas folgazãs, de olhos pretos, que todos apreciavam muito.

Eram ellas as flores d'aldêa e os rapazes andavam brigados por causa da Rosita, Malvina, Açucena e a Mariquitas. Todas eram habeis na arte dos namoros e dellas algumas gosavam da firme estima dos rapazes pela garbosidade da expressão e pela correcção das lindas fôrmas que possuíam.

Foi num baile campestre que apresentaram-me ás bellas da terra; travei com ellas taes relações amistosas que fiquei merecendo-lhes immensa consideração. Ao correr do baile, dansei e conversei com todas as morenas e a que mais agradou-me foi a Açucena.

Parece que o abysmo queria tragar-me; e eu não sabia onde me ia mettendo. Não obstante, conhecida a miuda, passei a frequentar-lhe a casa e fui sempre bem tratado por todos.

Afinal veio o dia de *cair a casa* e a velha protectora da morena, postergando todas as considerações que me devia dispensar, ao menos por ser eu *moço da cidade*, chegou-se-me á falla, por intermedio de pessoa de sua confiança.

Quiz denegar-lhe resposta, mas... minha delicadeza fez chegar-lhe ás mãos um manuscripto em que esquivava-me de corresponder ao appello então proposto. Açucena deixou a *rajada* passar quasi despercebida e não conseguindo apa-

gar de vez o amor que me votára, manteve-se ainda firme a meu lado. Passou algum tempo de tranquillidade, e como a ninguem é dado viver em paz neste mundo por muito tempo, vi-me logo embaraçado com pequenos susurros, que me zumbiram aos ouvidos.

Circunstancias alheias á minha vontade vieram cortar os deveis vinculos que ainda nos prendiam e numa ligeira troca de palavras desfez a morena o grande castello até então levantado em sua imaginação.

Eu, Ariovisto, que sempre amei-a, lamentei aquella injusta manifestação, mas... furtei-me de esmagar-lhe a apparente pudicicia para não magoar-lhe a vida já tão cheia de perturbações.

Depois...

«Porque não havemos p'ra acalmar as dores chegar aos labios o licor da taça?»

Admirai, leitoras, esta pequena historia que acabo de vos contar e vêde como em pleno seculo XIX o nosso Ariovisto foi tão bem mimoseado.

Eu e elle, votamos a *impudicicia encapada* um odio implacavel.

..

Para o outro numero teremos uma grande *rodella preta*, acerca do decantado sol e da immortal peneira, a cuja sombra muita gente *bôa* se acoitava hoje, lançando de lá settas envenenadas contra os que lhes são desaffectedos.

No mais... até breve.

JUSTAFA

O João Vicente encontrou por casualidade com o Alencastro Jacintho, a que não conhecia, e disse-lhe:

— Póde emprestar-me vinte mil réis?

— Mas, senhor, não tenho a honra de o conhecer.

— E' por isso mesmo que me dirijo a si, pois os que me conhecem não querem dar-se ao trabalho de fazerem-me este favor; dizem elles que eu não paguei os dez *tustas* do *Exemplo*, que fará vinte *mal ruscos*.

— Pobre *Exemplo*! E' victima de calloteiros, tornou o Alencastro com ar compungido, eu tambem ainda não o paguei!

Mas...

MINHA

A...

Sempre te sigo querida,
Sempre te vejo e te sonho.
Sem ti o mundo é tristonho,
Tu me aclaras a vida.

As vezes, pezar medonho
Me quer levar de vencida;
Em ti eu busco guarida,
Te idealizando m'opponho.

Te julgo outra Eleonora,
Te julgo ás vezes rainha,
Santa te julgo senhora.

E si te chamo de minha,
E' por seres luz d'aurora,
Sem ti minh'alma definha.

A. SOUZA

Pauladas

Devido aos ultimos acontecimentos me tem sido quasi impossivel colher novidades, pois mal saio das officinas já me toco para casa afim de evitar de ser recrutado.

A seu turno os meus informantes tambem com os mesmos receios que eu tenho, abstêm-se de sahir á rua, de nada sabem e deixam-me mal visto com o patrão que me incumbiu da tarefa ardua de contar novidades e com as leitoras que estão convictas de que eu lhes vou adiantar alguma cousa.

*

Um dia destes por causa do *zumzum* que por ahi anda a rapaziada do arsenal teve ordem de marchar para fóra.

Foi o que bastou para que o portão do edificio ficasse cheio de moças, velhas e crianças que iam levar as suas despedidas.

As meninas procurando esconder as copiosas lagrimas que lhe cahiam dos olhos, enxugavam-n'as emquanto que as velhas gritavam: «Fulano lá vae para *as guerras*! A minha filha não casará mais!» Houve até quem me garantisse que *alguem* ou *alguma* dormiu no arsenal.

E depois quer convite para baile... Quanto a isto vou descobrir o que ha de verdade.

No entretanto fóra eu quem tivesse ordem de seguir para qualquer parte e infallivelmente nin-

guem choraria por mim e nem... Ah! ingratas!

*

O baile da *União Operaria* esteve muito bom, só não gostei de ver um mocinho que lá estava, negar-se a dansar com uma joven.

Revelou apenas falta de educação, pois não soube corresponder a delicadeza da joven que o preferiu para par na polka das damas.

Houve muito namoro, o Nandinho que outra vez esteve na ponta com a D. J., o M. com a D. I. e outros que não me vêm a memoria.

Foi uma verdadeira noite de delicias e penso que no dia 25 vou ter outra igual no baile dos 15, caso me venha o convite.

Aqui faz ponto o *sympathico* da leitora, o

JUVENCIO

DESEJOS

(A' ARTHUR UCHOA)

Doce folguedo me seria a vida,
Si nella houvesse uma morena bella,
Que seus carinhos me mostrasse rindo
E as meigas graças de gentil donzella.

Si fosse loura qual celeste archanjo,
Si fosse bella qual festiva aurora;
Tivesse uns olhos de exprimir doçura,
E o doce timbre de uma voz sonora...

Si sua vida bafejada fosse
Pelos ardores da viçosa idade...
Si fosse coroadada a sua fronte
Pelos flores festivaes da virgindade...

Então! O meu triste coração
Viveria a sonhar em doce aneio!...
Repleto de prazer s'entregaria
Ao mais louco e risonho devaneio!...

As dores de meu peito se expandiam
Espargidas ao soprar da viração
De crenças minha mente se inundava,
De prazer se extasiava o coração.

Emfim! Em meu peito se abrigara
A mais risonha e lúcida chimera!
Eu veria esta vida transformada
Na mais pura e brilhante primavera!

ARIOSTO VIEIRA

11-2-93

O cidadão Cypriano da Silva teve o desgosto de perder seu filho Heraclides de 5 mezes de idade, na semana finda.

CLUB QUINZE

O baile d'este club que estava anunciado para 6 de Fevereiro e que fóra transferido até segunda ordem, realisar-se-á no dia 25 do corrente, no salão da frente do theatro.

Um descalabro

CARTA A ALVINO JOVELINO

Como ha tempo contigo não converso,
Vou contar uma historieta em verso,
No meu estylo «rhodio»...
Vou contar numa chula versalhada
Sem inspiração, em quadras mal rimadas,
Este episodio.

Quiz, no dia que ella fez annos,
Dar-lhe em prova de amizade:
Brinde de pouca valia,
Mas de mui boa vontade

Arranjei papel e tinta
Por andar mui desbagado,
E lhe fiz como presente
Este soneto quebrado:

No dia em que tu donzella
Uma primavera inflora,
Rebrilha mais uma estrella,
Desponta mais uma aurora!
E das manhans a mais bella,
Das manhans em que o sol doura,
E' a que irrompe em tua cella
Nesta data promissora!
E feliz do feliz mortal
Que, para brindar teu natal,
Do teu peito tenha a palma.
Si fosse eu te saudaria,
Num rasgo de sympathya,
C'uma rosa de minha alma!

E comprei papel de luxo,
Um papel de fantasia,
Para escrever todo ufano
A minha «linda» poesia.

E lá fui fazer a entrega.
Disse, cortez ja se vê:
Aqui tem dona Mileca
O que eu «truxe» p'ra «mencê»...

Dei começo ao meu discurso:
Deus lhe dê vida e saúde;
A mamã e a menina
Que a sorte sempre ajude...

«Que velho mais arengueiro»
Já chega, seu Hélio Silva;
Vamos ver: trará por ahí
Alguma cousa que sirva?

Disse assim desconfiada,
Lançando mão do embrulho;
Mas eu sempre esperava,
Envolto no meu orgulho,

Que ella gritasse: «bonitos!
Estão bonitos, pois não!»
Mas... qual! agarra os coitados
E zás!... atira-os ao chão!

Com a rapidez de uma bala,
Tira do pé a «tamanca»,
E diz, em tom de ameaça
Fazendo immensa carranca:

«Ora bolas, velho Silva,
Estou farta de cantiga!
P'ra que me servem seus versos?
Versos não enchem barriga.»

Gastei um dia em fazel-os,
E ahí tem o que ganhei!...
Imagina, Jovelino,
Com que cara não fiquei!...

HELIO SILVA

Mexericando

Dizem:

... que o Benedicto estava no
theatro, de leque, binoculo e cha-
ruto para conquistar uma menina.
Então precisa tanta cousa? Será
a pequena para algum bacharel?

... que o Herculano quando es-
tá na typographia gosta de *inticar*,
dando *psius*, com as meninas que
passam para trabalhar na fabrica.
Pois então, esquece-se que é casa-
do? Ora, crie vergonha!...

... que uma menina da rua
Avahy esteve na igreja do Carmo
conquistando muitos rapazes...

Então isso agora é moda?...

... que uma rapariga que tra-
balhou na fabrica de calçado costu-
ma cantar a seguinte quadra com a
toada do *boi-barroso*:

Dão-se cousas neste mundo
Que fazem a gente pasmar!
Benedicto amarra cabras
Para os branquinhos mamar!

... que o Florindo Coral rece-
beu uma carta de certa menina
pedindo-lhe em casamento. Que
pouca vergonha....

... que o Sr. Jacintho que pa-
recia ser tão amigo do progresso
cá da classe, ferrou-nos um cal-
lo... Ora, quem diria?!

... que fizemos passar gato por
lebre, pois não se trata de moça
da rua da Conceição e sim de um
marmanjo que é requestado pelas
meninas como um premio de pão
de cocagne disputado pelos mo-
leques, pois a menina Maria gaba-
se de ter passado a perna em seis
companheiras suas, tirando-as do
lance.

... que é bem applicada a al-
gumas de minhas conhecidas esta
quadrinha popular:

«Estas meninas de agora
Só cuidam em se casar;
As ceroulas do marido
Não saberão remendar.»

SINHÔ

CHARADAS

Decifração das charadas publica-
das no numero antecedente: Bisa-
gra, Frisado, Leouardo, Charuto e
da em verso—Aurelio.

Vi no circulo de onde sahiu o mun-
do um refrigerante—1—1—2

Na musica, na musica aberta este
vestido—1—1—1

Na musica é grande a repressão—
1—1

Açouta; eu sinto, homem—2—1

Celina Buz

Carapuças

II

Seu Gomes, mande o recibo
Já basta de amolação
Não se faça d'esquecido,
Seu Gomes mande o recibo.
O A. 'stá compromettido
Por haver deixado em mão,
Seu Gomes mande o recibo
Já basta de amolação!

Si *youê* quer ser decente,
Ou ao menos parecer,
Pague, não manguie co'agente,
Si *youê* quer ser decente.
Pelo contrario é prudente
Tal recibo devolver
Si *youê* quer ser decente,
Ou ao menos parecer.

E, si a cousa não lh'agradar,
Bem póde chorar na cama,
Mas antes disso é pagar,
Si a cousa não lhe agradar,
Por que *youê* vai bufar...
Contra nós de certo clama
Si a cousa não lh'agradar,
Bem póde ir chorar na cama.

A. FAVA

A PEDIDOS

AGRADECIMENTO

Paulo Maximiano da Silva e Can-
dido Maximiano da Silva, agrade-
cem a todas as pessoas que os
coadjuvaram no doloroso transe por
que acabam de passar com a per-
da de sua extremada avó, assim
como os que acompanharam ao
enterro e assistiram as missas do
setimo dia.

S. D. OLYMPIA PERES

De ordem do cidadão presidente
desta sociedade, scientifico aos Srs.
socios que em virtude dos ultimos
sucessos fica sem effeito a parti-
da que devia realizar-se na noite
de 25 do corrente.

Secretaria da sociedade de dan-
sa Olympia Peres em Porto Alegre,
17 de Março de 1893.

O 1º secretario,
Felippe Eustaquio.